

Transcrição: Memórias Compartilhadas de Adolfo Leirner

Adolfo Leirner: Se você pegar a minha trajetória, a minha trajetória, é a trajetória de um menino, filho de um imigrante que ficou rico. Meu pai tinha uma fábrica, tinha uma confecção. Ele ficou rico.

Morávamos no Jardim América, aqui na Rua Guadalupe. Minha mãe era uma senhora, uma senhora normal, mãe de três filhos. Sempre muito sensível. Já em Varsóvia, ela fazia parte de sociedades literárias. Ela era muito pobre em Varsóvia. Eles vieram... são imigrantes que vieram muito pobres para cá. Meu pai veio primeiro e depois veio minha avó com minha mãe. Meu pai veio com 20 e poucos anos, porque foi depois da guerra de 1914 e 1918. Em 1918, ele fez o exército, depois veio pra cá.

Minha mãe cantava no coro da Ópera de Varsóvia, a dona Felícia. E meu pai se apaixonou por ela. E aí ele veio para o Brasil. Depois veio a minha mãe com a minha avó de navio, terceira classe, imigrante...eles eram bastante modestos.

Minha mãe tinha uma professora de desenho que era uma ótima artista. Se você olhasse, se chamava Yolanda Mohalyi. Não sei se vocês conhecem ela de nome. A dona Yolanda tinha uma casinha lá na Rua Veridiana, bem no começo da esquina da Rua Itambé. Aqui era tudo casinhas muito pobre. A dona Yolanda, ela era uma boa artista.

Minha mãe mandou a minha irmã, meu irmão, o Nelson e eu ter aula de desenho. Então a minha irmã e o meu irmão já desenhavam um pouco com carvão e papel, e eu desenhava. Eu nunca fui muito bom de desenho, mas eu desenhava também com eles.

Teve um momento que a minha mãe, dona Felícia, ficou doente. Ela teve um problema... cirúrgico que eu não me lembro, eu acho que era coisa abdominal. Ela foi ser operada nos Estados Unidos. Quando ela estava sendo operada, e ela teve algum problema anestésico, qualquer coisa assim. Ela recebeu a visita de um rabino. A nossa família, a família da minha mãe era de família mais religiosa. A do meu pai não. A do meu pai era um polonês mais... eles eram judeus, mas nem falavam iídiche, nada. Só falavam polonês. Era gente mais, mais chique e mais bem vestida. A família da minha mãe era muito pobre. E veio um rabino vestido de preto que disse para minha mãe que não está na hora de ela ir embora e que ela deveria voltar para cumprir uma missão. Por isso, esse livro chama "A arte como missão". Aí ela voltou, voltou aqui para o Brasil.

O Brecheret tinha um grande galpão na Avenida Brasil com a Brigadeiro. Ele tinha um galpão enorme que ele estava fazendo a estátua do Duque de Caxias, essa que tem na rua, lá na Rua Duque de Caxias. Não tem um Duque de Caxias? Ele estava fazendo lá. Minha mãe foi lá com a cara de... cara de paisagem e disse: olha, eu gostaria de trabalhar com o senhor. E ele disse: pois não? E ela começou a fazer esculturas, uma delas, das primeiras, é uma que eu recuperei depois. Logo na frente (do museu)que é aquela mãe com neném, em granito cinza. Aquela estava na maternidade de São Paulo que faliu. Eu fui arrumar, trouxe ela de volta para lá. E ela começou a fazer... Ela tinha jeito!

Nós tínhamos uma casa na Rua Guadalupe com uns 1000 metros quadrados que no Jardim América é grande, sabe? Ai o meu pai construiu um ateliê para ela, que tem bastante fotografia desse ateliê. Ela começou a fazer escultura. Aquela fase figurativa, logo no começo que tem uma mulher de bronze, assim. Tudo aquilo foi feito lá no Jardim América.

E aqui teve um momento interessante em São Paulo. Algumas pessoas começaram a cultivar arte e a minha mãe veio e entrou mais ou menos nessa onda e ela levava jeito. Então ela tem obras na Europa que eu já vi duas ou três vezes. Eu fui na Tate Gallery, Tate Modern e eu vi exposições da mamãe. Tinha no beaubourg, tinha na Bélgica.

O Bardi gostava muito da minha mãe. O Bardi dava... ajudava bastante. Até que veio a época das bienais. Aqui eu chamei a época das bienais e meu pai se tornou um dos diretores. E as bienais eram uma coisa diferente aqui, porque antigamente as bienais não são como hoje, que tinham um curador. Tinha delegações. Então tinha a delegação americana, delegação francesa, delegação holandesa, delegação israelense. Minha mãe participava, que aí tinha um júri, ou entrava ou não entrava, entendeu?

Aí meu pai resolveu construir a casa lá em Campos do Jordão, que era a casa do telhado verde. Naquele tempo eu estudava no ITA, que era em São José dos Campos e era só subir lá pra ficar um fim de semana. E meu pai comprou um terreno. Acho que ele tinha uns três mil metros quadrados e minha mãe começou a fazer as esculturas que ela fazia em São Paulo. Ela começou a fazer lá em Campos do Jordão, mas era no jardim da casa.

Então as pessoas iam lá ver as esculturas da mãe lá no jardim. O jardim era um gramado enorme. Minha mãe era muito boa, era muito charmosa. Mamãe era muito charmosa. O governador Paulo Egydio Martins e minha mãe, levou o Paulo Egydio, o secretário da Cultura, era o Max Feffer. Então eles resolveram fazer o auditório e o jardim.

Minha mãe punha música, ela tinha um toca discos. E no fim do dia, quando o sol estava se pondo... ela levou as esculturas da casa dela pra onde elas estão agora. E ela tocava música no fim do dia, o auditório não funcionava. O arquiteto era o Gasparini, que é um bom arquiteto, um ótimo arquiteto. Aí ela levou o Zezão, que era um jardineiro, para fazer as esculturas com ela. Era uma coisa muito bonita, que chegou um momento que ele era considerado um dos mais bonitos jardins de escultura do mundo. Agora não, os milionários se multiplicaram. Eles fazem jardins como o Inhotim hoje, né, quer dizer. Mas era um jardim e ainda é, um jardim muito bonito.

Aí houve um fenômeno de multiplicação. Primeiro foram eu e minha mãe, depois minha irmã. Minha irmã tem... por exemplo esse quadro é da minha irmã, esse aqui atrás de você é da minha irmã, da Giselda. E ela tem 200 na Pinacoteca, eles ficaram com 200 obras da minha irmã quando ela doou, porque ela já está velha. Depois veio o Nelson, que tornou-se um artista bem bem conhecido. Hoje ele está assim, ele faleceu, mas ele foi um artista muito interessante também. E ainda veio a Jac logo atrás, que é uma artista internacional também.

Então a família Leirner, por acaso, tornou-se assim uma espécie de ninho de artistas. Então é mais ou menos isso que eu tinha para dizer para vocês, que dizer, da Dona Felícia, da história do Paulo Egydio, a história do Max Feffer, de como aquilo se formou e depois

eles venderam... hoje essa casa está com o seu Adler que é dono da estrela, né?A nossa casa está lá...

Bom, é mais ou menos por aí.